

LITERATURA MUNDIAL, FRONTEIRAS DE
COMMODITIES E FORMA ESTÉTICA

WORLD-LITERATURE, COMMODITY FRONTIERS,
AND AESTHETIC FORM

Michael Niblett

Resumo: Este artigo aborda um comparativismo literário efetuado através da dinâmica de criação ambiental das fronteiras de commodities. Como a literatura-mundial está imbricada nesses movimentos? Como textos mediam a lógica das fronteiras de commodities e como essa mediação pode ser modificada de maneira diferente pelas ecologias políticas específicas do açúcar, café, petróleo ou da borracha? Este ângulo de abordagem literária ressoa com o apelo de Patricia Yaeger para que atentemos aos recursos energéticos que tornam textos possíveis (2011). Ao responder a este apelo através da ótica da fronteira de commodities, procuro sublinhar a necessidade de compreender esses recursos em termos da lógica sistêmica e das relações estruturais do capitalismo como uma ecologia-mundial.

Palavra-chave: fronteira de commodity; ecologia-mundial; literatura-mundial

Abstract: This article speaks of a literary comparativism provided by the environment-making dynamics of commodity frontiers. How is world-literature imbricated in these movements? How do texts mediate the logic of commodity frontiers and how might this mediation be differently inflected by the specific political ecologies of sugar, coffee, oil, or rubber? To approach literature from this angle clearly resonates with Patricia Yaeger's call to attend to the energy resources that make texts possible (2011). By responding to this call through the optic of the commodity frontier, I seek to underscore the necessity of understanding those resources in terms of the systemic logic and structural relations of capitalism as a world-ecology.

Keywords: commodity frontiers; world-ecology; world-literature.

Comentando sobre as propensões globalizantes do capitalismo em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels chamam atenção para o modo como a transformação da história em história mundial não é um “mero ato abstrato”, mas sim “um ato cuja prova cada indivíduo fornece enquanto vai e vem, come, bebe e se veste” (Marx, Engels, 1998, p. 59)¹. O mercado mundial capitalista garante que a produção e o consumo em todos os lugares adquiram um caráter cosmopolita. Apontando para os exemplos do açúcar e do café, Marx e Engels argumentam que essas commodities

provaram sua importância histórica mundial no século XIX pelo fato de que a falta desses produtos, ocasionada pelo Bloqueio Continental de Napoleão, fez com que os alemães se levantassem contra Napoleão, tornando-se assim a base real das gloriosas Guerras de Libertação de 1813 (Marx, Engels, 1998, 59).

Mas não são apenas as mercadorias primárias que assumem significado histórico-mundial; as criações intelectuais também são deslocalizadas. Como afirmou o *Manifesto Comunista*: “A unilateralidade e a mesquinhez nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das numerosas literaturas nacionais e

¹ Todas as citações remetem às edições em língua inglesa listadas na bibliografia, tendo sido traduzidas especialmente para a versão em português deste texto que foi originalmente concebido pelo autor em inglês.

locais surge uma literatura mundial” (Marx, Engels, 1967, 84).

Ao longo da última década, o conceito de literatura mundial tem sido objeto de renovado debate na academia. Isso surgiu em parte pela percepção de uma crise dos protocolos disciplinares e das pressuposições críticas dos estudos literários. As razões atribuídas à esta crise são várias, mas 'globalização' – frequentemente usada para nomear uma transformação histórica na vida econômica, política e cultural desde os anos 1970, embora possa ser melhor apreendida nos termos que Samir Amin classifica como reafirmação global da “lógica do capital unilateral” (Amin, 1997, 95) – é usualmente identificada como uma espécie de processo-mestre que determina uma série de fatores desestabilizadores. Nesse contexto, a literatura mundial emergiu como um ponto nodal nas discussões sobre a reinvenção da disciplina. Uma das intervenções mais significativas no campo foi “Conjectures on World Literature” de Franco Moretti (2000). Tomando emprestado sua “hipótese inicial da escola de história econômica do sistema-mundial”, Moretti postula a existência de um “sistema literário mundial (de literaturas inter-relacionadas)” que é tanto “uno”, como também é “profundamente desigual” (55-56). Mais recentemente, o Warwick Research Collective (WReC) aprofundou as formulações de

Moretti expandindo sua visão sobre a desigualdade estrutural do sistema literário mundial por meio da referência à teoria marxista do desenvolvimento desigual e combinado. O WReC propõe uma concepção de “literatura-mundial” como a literatura do sistema-mundial capitalista (daí a hifenização de “literatura mundial”): a modernidade capitalista é “é aquilo que a literatura-mundial indicia e aquilo que dá à literatura-mundial suas distintas características formais” (2015, 15).

Com a mesma intenção de provocar um repensar dos métodos acadêmicos, Patricia Yaeger, em sua coluna editorial para o número de março de 2011 do *PMLA*, pediu maior atenção à relação entre os recursos energéticos e a literatura.

Em vez de dividir obras literárias em intervalos de cem anos (ou variantes elásticas como o longo século XVIII ou XX) ou categorias que aproveitam a história das ideias (Romantismo, Iluminismo), o que acontece se classificarmos os textos de acordo com as fontes de energia que os tornaram possíveis? (Yaeger, 2011, p. 305).

Isso abre uma linha de investigação potencialmente muito produtiva, conforme demonstrado pelos ensaios subsequentes na revista com foco na inscrição literária de tais fontes energéticas como madeira, carvão e petróleo.

Meu objetivo neste artigo é abordar os debates e questões delineados acima a partir da perspectiva da ecologia-mundial. Se, nesta perspectiva, o sistema-mundial capitalista é uma ecologia-mundial (Moore, 2015), e se, de acordo com o WReC, a literatura-mundial é a literatura do sistema-mundial capitalista, então a literatura-mundial deve ser simultaneamente a literatura da ecologia-mundial capitalista. Tal é a proposição geral que anima este estudo. Meu interesse particular está nas bases para o comparativismo literário fornecido pela dinâmica de criação ambiental das fronteiras de commodities, cujos movimentos históricos mundiais (Marx e Engels) foram essenciais para a ascensão e extinção de sucessivas naturezas históricas (Moore 2015, 18). Como a literatura-mundial está imbricada nesses movimentos? Como textos mediam a lógica das fronteiras de commodities e como essa mediação pode ser modificada de maneira diferente pelas ecologias políticas específicas de, digamos, açúcar, café, petróleo ou da borracha? Este ângulo de abordagem literária claramente ressoa com o apelo de Yaeger para que atentemos aos recursos energéticos que tornam textos possíveis. Ao responder a este apelo através da ótica da fronteira de commodities, procuro sublinhar a necessidade de compreender esses recursos em termos da lógica sistêmica e das relações estruturais do capitalismo como uma ecologia-mundial.

Os tipos de análises ecológico-mundiais propostas aqui não pretendem minimizar ou apagar a distinção de textos individuais. A configuração socioecológica particular da qual uma obra emerge, bem como as tradições culturais e literárias nas quais ela se baseia, conferirá uma especificidade irreduzível à sua mediação dos efeitos do sistema-mundial capitalista. Além disso, os romances que escolhi enfocar abaixo são usados de forma indiciária, não prescritivamente; esta não é uma tentativa de elaborar princípios ecológico-mundiais de inclusão e exclusão literária, com o objetivo de estabelecer um corpus de textos que “se encaixam” na teoria. O fato de que, por razões de espaço, eu me concentro em narrativas em prosa de forma alguma pretende sugerir que análises semelhantes não possam ser concebidas para a poesia e outras formas estéticas. Sharae Deckard propôs que “desenvolver uma metodologia atenta à natureza sistêmica do desenvolvimento combinado e desigual em toda a ecologia-mundial é uma tarefa urgente para os estudos literários ambientais” (Deckard, 2013, 177). O modelo comparativo aqui apresentado representa um esforço que responde essa proposição, e para delinear possíveis direções para estudos futuros.

Ecologia-mundial, literatura-mundial e o espectro das comparações

Em seu artigo de duas partes “Amsterdam is Standing on Norway”, Jason Moore (2010) usa o adágio do qual ele tira seu título - um ditado popular na República Holandesa do século XVII - como uma forma de pensar sobre a emergência do capitalismo como uma “nova espécie de lugar na história da humanidade” (Moore, 2010a, p. 36). Esse lugar foi produzido pela integração crescente, embora altamente desigual, de múltiplos e variados locais em um sistema mundial baseado na acumulação infinita de capital. “Será que o antigo mercador holandês ou o fidalgo castelhano podem estar em dois lugares ao mesmo tempo?” pergunta Moore: “Sim e não. É certo que dificilmente se poderia caminhar pelas ruas de Potosí e Amsterdã na mesma manhã. E, no entanto, durante o “longo século dezesseis” (entre 1450-1640), era cada vez mais comum que, ao frequentar os mercados ou rondar os bordéis de Potosí ou Amsterdã, se frequentavam lugares diferentes e o mesmo lugar, *tudo ao mesmo tempo*” (2010a, 36). Com a expansão do capitalismo veio o entrelaçamento de economias e ecologias de tal forma que as transformações em um local estavam agora inevitavelmente ligadas a - eram “teleconectadas” (como Moore coloca, utilizando um

termo da linguagem da climatologia) - transformações em outro.

A experiência fenomenal produzida por essa teleconexão de lugar é bem capturada no romance seminal de José Rizal, *Noli me tangere* (1887), no qual o jovem herói filipino Ibarra, recentemente retornado da Europa à Manila colonial, olha pela janela de sua carruagem para o jardim botânico da cidade, apenas para que “a diabrura das comparações [coloque-o] de volta aos jardins botânicos da Europa, naqueles países em que é preciso muita vontade e ainda mais ouro para que uma folha brote e uma flor abra seu cálice” (2006, 54). A Europa está em Manila e Ibarra está em dois lugares ao mesmo tempo. Como Benedict Anderson observou em uma análise importante dessa cena: o herói de Rizal descobre que os jardins em Manila “são acompanhados automaticamente - Rizal diz *maquinalmente* - e inescapavelmente por imagens de seus jardins irmãos na Europa”; Ibarra “não pode mais vivenciá-los de maneira concreta, mas os vê simultaneamente de perto e de longe” (1998, 2). O nome de Rizal para “esta incurável visão dupla “ é *el demonio de las comparaciones*, ou, como Anderson traduz, o “espectro das comparações” (1998, 2).

Esta formulação, juntamente com a ênfase de Anderson na automaticidade da comparação, se foi indicativa para uma série de críticos interessados repen-

sar os estudos comparativos. Harry Harootunian, por exemplo, apesar de discordar de Anderson em uma série de pontos, amplia seu ponto acerca das “possibilidades excluídas vividas por sociedades fora da Euro-América, mas ainda implicadas em sua expansão imperial e expropriações coloniais”, propondo a comparação como uma experiência estruturalmente obrigatória decorrente das “relações sistemáticas de interdependência social” estabelecidas pelo capitalismo global (1999, 139, 142). Revisitando este tema em um artigo posterior, Harootunian afirma: “os povos do mundo fora da Euro-América foram forçados a viver vidas comparativamente em virtude de experimentar alguma forma de colonização ou sujeição imposta pelo espectro do imperialismo” (2005, 26). Ecoando a leitura de Harootunian do espectro das comparações em termos de uma necessidade estruturalmente gerada, Pheng Cheah afirma que a comparação “é um espectro precisamente porque é uma forma de automatismo desumano conjurado pela inquietação eterna do capitalismo” (1999: 12). Os intelectuais colonizados, acrescenta ele,

não possuem o monopólio sobre o momento comparativo. Não seria apenas *seu dom/maldição*. Em vez disso, eles seriam possuídos por comparação. Eles são os primeiros destinatários de suas visitas meramente em

virtude do fato acidental de que sua situação social permite que eles sejam os primeiros membros de sua sociedade capazes de perceber essas forças tecnológicas materiais em ação e reconhecer como essas forças podem desestabilizar e mudar radicalmente consciência humana trazendo o que é estranho para perto e desfamiliarizando o imediatismo complacente da vida cotidiana que consideramos natural. (12).

O argumento de Cheah sobre o alcance global do capitalismo - sua “eterna inquietação” - e a apreensão precoce (mas não exclusiva) da intelectualidade colonizada do “momento comparativo” ajuda a esclarecer uma questão à qual voltarei mais tarde neste ensaio: a tendência das obras literárias das periferias de registrar as dinâmicas e disjunções do capitalismo mundial de maneira mais explícita (consciente ou inconscientemente) do que os textos das zonas centrais. Este último ainda necessariamente registrará esse sistema global, mas é provável que o faça de maneiras menos visíveis e vívidas.

A chave para a comparação, portanto, é o capitalismo como um sistema mundial desde o início, suas propensões universalizantes inaugurando uma história global moderna, embora caracterizada por irregularidades e diferenças. Como Fredric Jameson insiste, a modernidade capitalista deve ser compreen-

dida como um fenômeno único e simultâneo, embora seja heterogêneo e específico em toda parte (1991, 307; 2002, 12). Nesta visão, a modernidade pode ser entendida “como a forma pela qual as relações sociais capitalistas são ‘vivas’ - diferentes em cada instância pela simples razão de que não há duas instâncias sociais que sejam as mesmas” (Lazarus 2011, 122-23). Assim, para qualquer território integrado no sistema-mundial, a experiência compartilhada de modernização capitalista fornece “uma certa base de universalidade” (Brown 2005, 2), mesmo que essa experiência seja vivida de forma diferente em locais diferentes. Daí a possibilidade de reconstruir a literatura-mundial em termos de sua relação com a singularidade desigual da modernidade capitalista. Como afirma o WReC, a “efetividade do sistema-mundial será *necessariamente* discernível em qualquer obra literária moderna, uma vez que o sistema-mundial existe imprescindivelmente como a matriz dentro da qual toda a literatura moderna surge e toma forma” (WReC, 2015: 20).

Mas se o sistema-mundial é uma ecologia-mundial, então isso também deve ser entendido como a matriz dentro da qual a literatura-mundial toma forma. Tal abordagem requer que mudemos nosso ângulo de visão sobre as propensões globalizantes do sistema-mundial, da lógica autoexpansionária do

capital para o capitalismo como história ecológica. Impulsionado pela lei do valor, para a qual o tempo de trabalho social abstrato é a métrica decisiva da riqueza, o capitalismo se desdobrou por meio da “emergência cíclica de crises ecológicas”, favorecendo “desenvolvimentos que recompensam o rápido esgotamento da natureza (incluindo a humana), contanto que suprimentos externos possam ser garantidos” (Moore 2011a, 11, 19). Essa tem sido a tarefa histórica das fronteiras das commodities. Avançando para ambientes subcapitalizados, essas zonas de produção ou extração reorganizam as naturezas humana e biofísica de forma a enviar vastos reservatórios do que Moore chama de “natureza barata” (especificamente alimentos baratos, energia, matérias-primas e força de trabalho) na economia mundial (2015, 17). Ao fazer isso, eles ajudam a reduzir os custos de produção de todo o sistema e a restaura a acumulação. Impulsionadas pela busca sem fim do capitalismo por lucro, no entanto, as fronteiras das commodities tendem, normalmente, a exaurir rapidamente as condições socioecológicas das quais sua produtividade depende “dentro de 50-75 anos em qualquer região” (Moore 2010a, 39). Como Moore nos lembra, essas condições “não são simplesmente biofísicas”; a escassez surge “através do entrelaçamento de resistências das classes trabalhadoras, mudanças biofísicas, fluxos de capital e fluxo de mercado” (2010a,

39). Uma vez que uma fronteira específica é exaurida, novos locais devem ser encontrados a fim de garantir novos fluxos de riquezas naturais.

Assim, se a “tendência de criar o *mercado mundial* se dá diretamente no próprio conceito de capital” (Marx 1973, 408), sua instanciação histórica tem sido inseparável do movimento “fundamentalmente globalizante” das fronteiras de commodities (Moore 2010b, 191). A teleconexão resultante de grupos locais e regionais de relações socioecológicas até então amplamente isolados não apenas possibilitou o surgimento da ecologia mundial como um novo lugar; ela também instanciou um novo tempo ecológico mundial à medida que o capitalismo buscava subordinar as diversas temporalidades da reprodução das naturezas humana e extra-humana aos ditames do tempo de trabalho abstrato. Assim, como acontece com a modernização capitalista em geral, podemos argumentar que a experiência compartilhada das transformações nas naturezas humana e extra-humana por meio das quais a ecologia-mundial se desenvolve fornecerá “uma certa base de universalidade” para análises comparativas das respostas culturais a tais transformações. Daí a possibilidade de adotar a dinâmica de criação de ambiente das fronteiras de commodities como uma ótica através da qual se busca a crítica mundo-literária.

No entanto, se as características logísticas recorrentes dessas fronteiras - mais notavelmente, seu ímpeto de expansão e contração - permitem comparações instrutivas entre diversas situações sociais, não deixa de ser necessário marcar como as especificidades dessas situações influenciarão, diferentemente, as formas culturais produzidas dentro delas. A ampla distinção que tenho em mente aqui é que entre as fronteiras de commodities operando em regiões centrais do sistema-mundial (embora tais fronteiras provavelmente estejam localizadas ou constituam zonas periféricas dentro do núcleo central) e fronteiras operando em regiões periféricas ou semiperiféricas do globo que foram submetidas à dominação colonial ou imperialista. Essas distinções são necessariamente fluidas e provisórias - o que fazer com, digamos, as fronteiras do carvão no País de Gales e na Escócia, países que estiveram sujeitos, e que também atuaram como, agentes da colonização? Mas, de modo geral (e aqui retomo as implicações das afirmações de Cheah), em obras literárias das (semi-) periferias do sistema-mundial, as pressões de uma transformação ambiental em função das fronteiras de commodities tendem a se manifestar de formas mais destrutivas e imediatas assumindo um significado histórico-mundial mais óbvio do que em textos de zonas centrais (para os quais tais pressões podem ser registradas apenas como distúrbios localizados

dentro de mundos estáveis). De fato, para aquelas obras que emergem de áreas sujeitas à intrusão imperialista, forçosamente integradas ao sistema-mundial e convertidas em exportadoras de commodities primárias, haverá uma tendência estrutural para a marcação de forma explícita - embora não necessariamente no nível do conteúdo, mas talvez no nível da imagem, estilo ou forma - das disjunções e rupturas, das quebras e fendas, engendradas pelas transformações ecológicas do mundo associadas aos movimentos de fronteira de commodities. Isso não quer dizer que todo texto codificará conscientemente essas disjunções. Mas dada a violência particular acarretada pela criação da vida e do meio ambiente nas periferias globais, e o grau em que essa violência satura o mundo social - estando inextricavelmente ligada à reorganização radical das práticas cotidianas, formas de trabalho e disposições corporais impostas pelo imperialismo - parece razoável sugerir que as representações da experiência social serão compelidas a se envolver de alguma forma com esta história e sua significância “mundana”.

Assim Nicholas Brown, que, ao considerar como a literatura da descolonização assume a busca pela “representação utópica da totalidade ausente” do modernismo europeu, mas de “uma posição bastante diferente dentro da divisão global do trabalho”,

argumenta que em um mundo “onde a verdade de qualquer evento (ou qualquer 'cultura') reside mais ou menos fora de si mesmo, furtar-se à tentativa de produzir um mapa estratégico da totalidade, fingindo que se poderia narrar o particular sem fornecer algumas considerações do universal seria mais profundamente ideológico do que qualquer tentativa (necessariamente) falha de fazê-lo” (2005, 22). Brown cita o romance de Chinua Achebe, *Arrow of God*, de 1964, situado entre as aldeias de Umuaro, na Nigéria, no início do século XX. Ele pergunta se poderíamos imaginar essa história de “o que poderia ser chamado de “colapso nervoso” de um padre de aldeia, sem uma narração simultânea da íntima interferência retórica oferecida pela narrativa cristã?” Ele continua:

Essa narrativa, por sua vez, não poderia ser introduzida sem retratar a ideologia conflitante do projeto imperial britânico; que não poderia ser retratado sem representar o capitalismo na forma de extração de matérias-primas e a introdução de uma economia monetária; que, por si só, envolve um esboço da crise do capitalismo ocorrendo na Europa simultaneamente com a narrativa [. . .]. (22)

Assim, a dinâmica da ecologia-mundial inevitavelmente se faz sentir no texto à medida que procura dar conta das transformações ocorridas em Umuaro.

A narrativa de Achebe registra as novas formas de criação do meio ambiente associadas à expansão do imperialismo no final do século XIX, em si uma reação à Grande Depressão de 1873-1896, que obrigou à apropriação liderada pela fronteira de novos excedentes ecológicos no esforço de restaurar a acumulação. Um dos motivos centrais do romance é a ruptura do ciclo agrícola em Umuaro, que representa as rupturas nas socioecologias locais decorrentes da intrusão imperialista e da imposição de uma economia de cultivo comercial voltada para o exterior. Na verdade, este é precisamente o momento da integração de Umuaro no ciclo de expansão e queda da fronteira do óleo de palma - algo mencionado explicitamente em *Things Fall Apart*: ““O homem branco trouxe de fato uma religião lunática, mas também construiu um ponto de comércio e, pela primeira vez, óleo de palma e grãos tornaram-se itens de ótimo preço” (1988, 146). (No final da década de 1950, é claro, esta fronteira foi substituída na Nigéria pela fronteira do petróleo.)

Podemos comparar o registro de Achebe desse período de revolução ecológica com sua mediação em um texto publicado mais de setenta anos antes, mas situado em meio à mesma crise do capitalismo que fornece o horizonte interpretativo da *Arrow of God*. Se trata de *Tess of the D'Urbervilles* (1891), de Thomas Hardy, um romance do núcleo do sistema-mun-

dial e no qual a codificação das conexões e disjunções da ecologia-mundial é de fato menos explícita do que no romance de Achebe da periferia colonial. Isso não quer dizer, entretanto, que *Tess* não registre as transformações ecológicas ocorridas durante a Grande Depressão. Crucialmente, Hardy escreveu a partir de, e com referência às, (semi-) periferias do centro metropolitano - especificamente, o West Country inglês rural desigualmente capitalizado e relativamente “atrasado”. Aqui, as pressões geradas pelos movimentos de transformação ambiental nas fronteiras de commodities estavam remodelando as modalidades sociais e as estruturas da experiência de maneiras muito diretas e imediatas. Assim, *Tess* capta vividamente a crescente mecanização do campo em resposta à crise contemporânea na agricultura, a qual teve como fator chave o esgotamento relativo da fronteira inglesa de grãos e sua incapacidade de competir com as importações das “recém-abertas terras de trigo das pradarias da América do Norte e da Argentina” (Perry 1973, xiv). O esforço para extrair maiores excedentes ecológicos da terra e do trabalhador é ilustrado graficamente pela conhecida cena em que Tess deve sofrer a “demanda despótica” da debulhadora, que mina “a resistência de [seus] músculos e nervos” (1994, 1090). Como Raymond Williams argumenta, as “pressões às quais os personagens de Hardy estão sujeitos são [. . .] pressões de dentro de um sistema

de vida, que é inteiramente parte de um sistema mais amplo” (1985, 209). O fato de que as novas pressões que Tess deve enfrentar estarem enredadas em um conjunto mais amplo de relações é algo que começa a fazer parte de sua consciência:

A vida moderna estendia sua antena a vapor até esse ponto três ou quatro vezes por dia, tocava as existências nativas e rapidamente retirava-se novamente como se aquilo que tivesse tocado fosse desagradável.

[Angel e Tess] alcançaram a luz fraca, que vinha da lamparina fumacente de uma pequena estação de trem; uma estrela terrestre, pobre, mas, de certa maneira mais importante a Talbothays e a para humanidade do que as estrelas celestiais, cujo contraste era humilhante. As latas de leite fresco foram carregadas em meio à chuva [. . .]. Então, ouviram o chiado do trem, que chegou quase silenciosamente sobre os trilhos molhados, e o leite foi rapidamente jogado lata a lata para dentro do vagão. A luz do motor brilhou por um segundo sobre a figura de Tess Durbeyfield [. . .]. Nenhum objeto poderia ter parecido mais estranho para às engrenagens e rodas reluzentes do que essa garota pouco sofisticada. . .]. ‘Os londrinos vão beber [o leite] no café da manhã amanhã, não vão?’ Perguntou ela. ‘Pessoas estranhas que nunca vimos.’ (992)

A justaposição da “pouco sofisticada” Tess com as “engrenagens e rodas reluzentes” do trem gera um ar de estranhamento, amplificado pela qualidade quase fantasmagórica da passagem, com suas imagens de lâmpadas esfumaçadas brilhando à luz das estrelas e de antenas a vapor rasteiramente tomando a vida no campo. A cena evoca uma estrutura de sentimento emergente, a sensação de outro mundo que ela evoca, é sugestiva da apreensão incipiente de Tess quanto novas formas de produção de vida e do meio-ambiente que unem áreas distantes do país.

Em seguida veremos como a perturbação de uma estética realista por floreios de “irrealismo” (incluindo, por exemplo, elementos do fantasmagórico ou onírico) é uma tendência narrativa indicativa da ruptura das estruturas estáveis do presente causada pela reconfiguração das relações ecológicas. No romance de Hardy, essa tendência permanece relativamente fraca. É possível identificar uma crise de representação histórica em sua obra, decorrente do impacto da modernização e da desintegração das comunidades que anteriormente teriam fornecido um referente unificado para fundamentar a narração da história (Pyle 1995, 362-64). Contudo, isso é mitigado por um esforço para reafirmar ou restabelecer uma continuidade histórica (Williams 1985, 213-14; Pyle 1995, 364). Além disso, o horizonte final das forças disrup-

tivas da modernização tende a permanecer distante. Se, em *Tess*, a imbricação sistêmica da produção nos distritos rurais com as demandas de consumo dos londrinos se registra no nível da consciência da heroína, a imbricação sistêmica da Inglaterra na ecologia-mundial capitalista é sugerida apenas indiretamente. Angel Clare, por exemplo, viaja ao Brasil para estabelecer uma fazenda junto a uma onda de agricultores emigrados, suas ações figurando na expansão imperialista e na exportação de capitais provocada pela crise do final do século XIX. No entanto, as experiências de Angel no exterior são contadas apenas muito brevemente; elas ocorrem fora do palco, por assim dizer, e o episódio funciona principalmente como pano de fundo para sua mudança de opinião em relação a Tess. A Inglaterra está tocando o Brasil, mas esse entrelaçamento de ecologias políticas não é algo que se torna visível no texto; em vez disso, é registrado como uma pressão não reconhecida e não representável. Discutindo os dilemas estéticos impostos pelo sistema imperial aos modernismos metropolitanos, Fredric Jameson argumenta que quando um “segmento estrutural significativo do sistema econômico encontra-se localizado em outro lugar, além da metrópole, [...] nas colônias do outro lado do oceano”, o conteúdo artístico “doravante sempre terá algo faltando”; a verdade última da “vida cotidiana e experiência existencial” agora está fora da metrópo-

le, e essa “disjunção espacial tem como consequência imediata a incapacidade de compreender a maneira como o sistema funciona como um todo” (1990, 50-51). A marginalização do episódio brasileiro no texto de Hardy seria uma demonstração precisamente dessa incapacidade de mapear o sistema imperial e o regime ecológico-mundial através do qual ele se desenvolveu.

Fronteiras de commodities, estética periférica e irrealismo narrativo

Até agora, sugeri que as dinâmicas de criação do ambiente nas fronteiras de commodities, visto que são articuladas diferencialmente em diferentes locais da ecologia-mundial, pode servir como base para o comparativismo literário. Desejo agora considerar com mais detalhes os modos estéticos correspondentes às transformações ecológicas por meio das quais se desenvolvem as fronteiras de commodities, focalizando narrativas das periferias globais em áreas sujeitas à dominação colonial e imperialista. Como argumentei em outro momento, se, como Jameson afirma, o realismo requer uma “convicção quanto ao enorme peso e persistência do presente como tal, e uma necessidade estética de evitar o reconhecimento de profundas mudanças sociais estruturais”, então o realismo será inadequado para – ou pelo menos mui-

to incomodado por – situações de rápida ou extensa mudança ecológica , em que o que temos que fazer é precisamente uma “ontologia do presente como se fosse um rio de águas velozes” (Jameson 2007, 263; ver Niblett 2012). Consequentemente, em termos gerais, no nível de uma simples reversão, podemos olhar para o “irrealismo” como um modo de narrativa adequado a tais condições. Pego emprestado o conceito de irrealismo de Michael Löwy, para quem o termo designa não o oposto de realismo, mas sim “a ausência de realismo” (2007, 195). Uma obra literária irrealista pode incluir elementos de fantasia, o onírico e o surreal; pode muito bem ser fundada em “uma lógica da imaginação, do maravilhoso, do mistério ou do sonho” (194). Claramente, como Löwy enfatiza, os conceitos de realismo e irrealismo devem ser vistos como, até certo ponto, “ ‘tipos ideais’ no sentido weberiano: isto é, como construções epistemológicas inteiramente coerentes e ‘puras’; em contraste com os textos literários empíricos, que tendem a ser uma combinação ‘impura’ de realismo e irrealismo”(195).

Os movimentos de fronteira de commodities necessariamente envolvem a reestruturação completa das relações pré-existentes entre as naturezas humana e extra-humana. Isso será especialmente intenso durante a fase inicial de 'boom' da fronteira, quando as estruturas estabilizadas da vida cotidiana são ra-

pidamente transformadas. Como observam Steven Topik e Allen Wells sobre o boom exportador do final do século XIX na América Latina (com o qual a migração de Angel Clare para o Brasil está diretamente ligada): o “mundo virou de cabeça para baixo [...], quando tudo ficou aberto a questionamentos e sujeito ao poder. Até mesmo verdades aparentemente imutáveis como o tempo e a geografia foram contorcidas e realinhadas” (1998, 2). De forma mais geral, sugerem Iran Machado e Silvia F. de M. Figueirôa, “cada vez que as riquezas surgem da noite para o dia, as pessoas se entusiasmam e as indústrias regulares são desmanteladas [...], tudo é subvertido de repente” (2001, 15). Para qualquer texto que responda à intensidade inebriante de um boom de commodities e sua derrubada de padrões estabelecidos de criação de vida e ambiente, os modos literários irrealistas representarão uma forte tendência narrativa, na medida em que oferecem um registro peculiarmente adequado para representar ou codificar tais momentos de perturbação. Não tenho a intenção de sugerir que toda obra literária sempre exibirá tais tendências irrealistas; ou que, quando presente, o irrealismo está presente irá predominar no texto (é possível que tenhamos que nos contentar apenas com algum tipo de pequeno distúrbio numa obra que é predominantemente realista). Mas parece razoável propor que, quando confrontados com as condições confusas de

um boom (ou, igualmente, de um colapso devastador), as narrativas literárias muito provavelmente se voltarão para dispositivos anamórficos ou catacrésticos correspondentes para expressar a experiência vivida em tais condições. Isso pode ser verdade se o texto estiver oferecendo um relato retrospectivo de um momento anterior de criação de ambiente liderado pela fronteira, ou se é produzido no meio de tais transformações, com as pressões que as engendram formando uma narrativa distorcida (mesmo se o trabalho não for diretamente relacionado às fronteiras de commodities).

Não precisamos nos concentrar apenas nos momentos de expansão (ou ruptura), no entanto, para ver como as pressões de a fronteira de uma commodity específica podem ser internalizadas na forma literária. Para economias periféricas deformadas pela exportação de um único produto, e cujas transformações ecológicas tendem a ser impostas violentamente de fora como resultado do imperialismo, a sensação de instabilidade e irreabilidade que acompanha um boom de commodities pode ser uma estrutura de sentimento mais persistente. Aqui, o trabalho da teórica caribenha Sylvia Wynter é instrutivo. Em seu artigo de 1971 “Novel and History, Plot and Plantation”, Wynter argumenta que a ascensão da economia mundial capitalista, como causa e efeito das sociedades de plantação da região, marcou “uma mudança

de tal magnitude histórico-mundial que nós ainda somos, sem exceção, 'encantados', aprisionados, deformados e esquizofrênicos nessa realidade enfeitada" (95). Na verdade, ela argumenta, a história no contexto da "plantation" é "ficção" - "uma ficção escrita, dominada, controlada por forças externas a si" (95). Em outras palavras, onde os povos caribenhos carecem do controle autônomo sobre a produção da natureza e, portanto, sobre a produção da realidade social, essa realidade parece ilusória ou irreal, uma vez que é criada e manipulada por poderes externos. Tal situação, então, tem grande probabilidade de gerar respostas estéticas marcadas pelo maravilhoso, pelo surreal e pelo onírico. E, de fato, Wynter começa seu ensaio referindo-se à obra de Miguel Ángel Asturias, cujo maravilhoso estilo realista - sua justaposição do discurso novelístico moderno ao lado de tradições narrativas maias - medeia o confronto entre as diferentes socioecologias da trama e da plantação.

A análise de Wynter, assim, ressalta o grau em que a lógica de criação de vida e ambiente da fronteira da commodity pode padronizar a reprodução da realidade social, assim como também pode sobre determinar a produção cultural. Vejamos mais de perto o exemplo da fronteira açucareira no Caribe. Como Michel-Rolph Trouillot observou sobre a situação no Haiti colonial:

O açúcar não era simplesmente a principal fonte de receita; ele adquiriu uma *cultura* social: o monopólio socialmente projetado para sujeitar à sua refração todas as outras mercadorias e os próprios seres humanos. Selecionado socialmente, identificado socialmente, tornou-se o princípio em torno do qual a vida humana foi organizada. As cidades foram construídas devido à sua proximidade. O tempo foi marcado por sua colheita. O status estava ligado à sua posse. Em Saint-Domingue havia uma [...] *cultura de açúcar* ramificada. (1982: 372)

Da mesma forma, Keith Sandiford observa como Fernando Ortiz, em sua análise da influência do açúcar e do fumo no desenvolvimento da sociedade cubana, constrói o açúcar “como um corpo significante profundamente ressonante dentro de um universo de signos sociais, morais e políticos”. Ortiz, continua ele, “interpreta sistemática e definitivamente a produção de açúcar como um significante mestre cujos sinais permeavam todo o corpo político de produtores e consumidores” (2000: 32). Em circunstâncias como essas, os textos literários podem se envolver de forma muito direta com a realidade que enfrentam, representando a indústria açucareira e seu impacto na sociedade. A quantidade de poesia e ficção caribenha em que o açúcar de fato aparece como um tópico central é vasta, estendendo-se desde odes coloniais

como *Barbados* (1754) de Nathaniel Weekes e *The Sugar-Cane* (1764) de James Grainger até obras mais recentes como *Slave Song* (1984) de David Dabydeen e *Azúcar!: The Story of Sugar* (2001) de Alan Cambeira. Mas mesmo onde este tipo de representação explícita está ausente, a prática estética ainda estará saturada pela semiótica do açúcar, com a mercadoria sujeitando a produção cultural à sua refração (na frase de Trouillot) assim como faz com o resto da sociedade. Se, como lembra Roberto Schwarz (1992, 53), as formas literárias são “o abstrato de relações sociais específicas” (poderíamos dizer: relações socioecológicas específicas), e se essas relações sociais são mediadas por uma “cultura açucareira”, então podemos esperar que os significados sociais e ritmos econômicos do açúcar se escrevam em toda a forma de obras literárias.

A partir do início do século XVII, a expansão da produção de açúcar no Caribe seguiu a lógica da fronteira de commodities. As plantações floresceram por um tempo em um local antes que a queda nos lucros obrigassem o capital a concentrar investimento em outro lugar. Assim, entre as décadas de 1620 e 1720, Barbados foi o exportador dominante na região, sendo substituído por Saint-Domingue e Jamaica entre as décadas de 1720 e 1790/1820 (Moore 2010d, 7). No final do século XVIII, a produção disparou na Guiana

Inglesa, com as exportações de açúcar aumentando 433% entre 1789 e 1802, à medida que fazendeiros chegavam das ilhas ao norte, fugindo dos solos degradados (Adamson 1972, 24). No final da década de 1830, entretanto, a indústria estava em declínio (Tomich 1990, 24). Ao longo do século XIX e nos primeiros anos do século XX, Cuba, Porto Rico e a República Dominicana ganharam destaque, seus “solos ricos, expansivos e relativamente não utilizados” atraindo “capital de investimento muito mais rapidamente do que as minúsculas e exauridas ilhas britânicas” (Richardson 1992, 60). Em 1815, Cuba produziu 40 mil toneladas de açúcar, metade do total da Jamaica; em 1890, durante os anos de expansão, a Constância *central* de Cuba era a maior usina de açúcar do mundo, produzindo 135 mil sacas de açúcar por pessoa (Richardson 1992, 62, 85).

A dinâmica de expansão e queda da fronteira açucareira deveu-se muito às exaustivas demandas ecológicas da safra (seu voraz consumo do solo, florestas e força de trabalho), preços de exportação incertos e as instabilidades biofísicas das monoculturas (que facilitaram o estouro da produção, mas também criaram condições altamente favoráveis a ervas daninhas, pragas e doenças [Moore 2007, 195; Watts 1987, 439-43]). Essa dinâmica foi agravada pela internalização da lógica de crescimento e queda

pelos fazendeiros. Como Clive Thomas argumentou, eles frequentemente adotavam uma “perspectiva especulativa”: em vez da “associação 'normal' de um rendimento pequeno, mas estável dos investimentos infraestruturais de longo prazo na produção agrícola, o fazendeiro sempre esperava ansiosamente pela grande 'bonança' quando os preços disparariam. O objetivo aqui era fazer um “golaço”, que compensaria os anos intermediários mais magros” (1984, 11). Além disso, em resposta ao padrão flutuante do mercado, os proprietários seguiram políticas de uso da terra que apenas intensificaram a oscilação entre altos e baixos. Alan Adamson observa a tendência geral dos fazendeiros de se apressar em cultivar terras marginais nos anos gordos, fazendo com que os custos de produção aumentassem durante os períodos escassez, elevando, assim, a redução dos lucros (1972, 26). A internalização do ritmos do mercado na consciência dos fazendeiros é ilustrada pelos nomes dados às fazendas de açúcar na Cuba do século XIX - nomes como “Esperança”, “Nova Esperança”, “Audaciosa”, “Aposta”, “Bons resultados”, “Desespero”, “Dor” e “Desencantamento”, que, como Moreno Fraginals observa, refletiram a ascensão e queda da curva do açúcar (1976, 52).

Essa lógica econômica continuou a dominar no século XX. As estruturas de sentimento engendradas

pelos ritmos de alta e baixa do mercado, assim como o padrão mais geral de excesso e vazio típico da fronteira açucareira - a produção intensiva de excedentes ecológicos de um lado, e, por outro, sua rápida evacuação através da apropriação pelas zonas centrais do sistema-mundial - pode ser encontrado refletido nas qualidades estilísticas e formais de qualquer número de textos caribenhos. Tomemos, por exemplo, o romance martinicano *Une nuit d'orgie à Saint-Pierre Martinique*, publicado aproximadamente em 1892 por Effe Géache (as iniciais F.G.H em francês), um pseudônimo muito provavelmente de alguém da elite crioula branca. Um conto erótico ambientado na então capital da ilha, com foco em três amigos, um branco, um mulato e um negro. A narrativa é caracterizada por uma sensação de profusão barroca, uma volubilidade e visceralidade (especialmente quando se trata da descrição do sexo) que captura perfeitamente a intensidade inebriante de uma cidade descrita por Raphaël Confiant como um lugar “de todos os excessos” (1992, vi). Saint-Pierre era o centro administrativo e financeiro da Martinica; durante o século XIX, teve um grande boom na economia de plantation, passando por um processo de modernização que viu a instalação de um bonde e iluminação pública. Famosa por seu teatro, bordéis e carnaval, a cidade tornou-se um “lugar cosmopolita” tipificado por “costumes sexuais liberais e frouxidão quanto a

filiação à igreja” (Agard-Jones 2012, 329). Mas se o conteúdo e o tom da narrativa de *Une nuit* registram essa atmosfera carnavalesca, sua volubilidade e imoderação também podem ser lidas como mediadoras da experiência de irrealidade e instabilidade gerada pela expansão da fronteira açucareira.

Em seu apogeu do século XIX, Saint-Pierre era conhecida como a Paris das Antilhas, um apelido que sugere não apenas a maneira como Paris, em termos ecológicos-mundiais, estava no Caribe francês, mas também da qualidade irreal de um cidade próspera como Saint-Pierre, onde a experiência inebriante do excesso conflitava com a realidade de uma economia dependente. Os excessos de *Une nuit*, que na sua repetição e exagero barroco assumem um ar alucinante, parecem registrar precisamente esta condição, evidenciando o vazio (para a Martinica) dos excedentes ecológicos produzidos na ilha e destinados à metrópoles. Na verdade, o romance como um todo é uma breve eflorescência de excesso erótico que se esgota rapidamente (afinal, esta é apenas “uma noite” de orgia). Confiant afirma que o aspecto mais impressionante de suas representações de sexo é que eles são, como ele coloca, “inocentes” e sem segundas intenções (1992, xv). Eles não escondem algum projeto mais grandioso - um desejo, digamos, como no trabalho do Marquês de Sade, de finalmente “trans-

cender a carne” ou “aceder a algum tipo de pureza ou ascetismo” (xiv). Em vez disso, eles são o que são: o imediatismo do desejo é seguido pelo imediatismo da consumação carnal. Confiante atribui isso ao contexto colonial e a Saint-Pierre como uma cidade do Novo Mundo em que os valores judaico-cristãos eram constantemente violados pela própria elite que os proclamava. Mas também podemos ler essa tendência narrativa como mediadora do vazio no coração do excedente da economia de plantation. A falta de progresso além do carnal para algum plano superior sugere a barreira para o desenvolvimento imposto à Martinica pelo escoamento de seus recursos e o esgotamento das condições sócioecológicas de produção. A narrativa de *Une nuit* segue um padrão de excesso e vazio, então, um ritmo ascendente e descendente impregnado das flutuações da curva do açúcar e da estranha combinação de produtividade e pobreza característica do setor de plantio.

Na virada do século XX, a indústria açucareira do Caribe francês estava em crise como resultado de uma queda no mercado mundial e do aumento da concorrência do açúcar de beterraba europeu subsidiado pelo Estado. Em Cuba, porém, a produção de açúcar estava se expandindo. A interferência dos EUA na guerra de independência de Cuba com a Espanha em 1898 acelerou a derrota do poder colonial

européu, mas também facilitou a própria intervenção militar, política e econômica maciça dos EUA na ilha. A indústria açucareira foi rapidamente modernizada por meio da “criação de latifúndios, à medida que proprietários de usinas americanas em expansão deslocaram colonos locais (pequenos proprietários de terras) e agricultores de subsistência, importaram migrantes haitianos e jamaicanos como mão de obra mais barata e geraram um proletariado rural cubano” (Unruh 2012, 343). A produção de açúcar atingiria o pico na ilha em 1929 (Ayala 1999, 235), antes do qual ocorreu a infame “dança dos milhões” - um boom açucareiro peculiarmente intenso nos anos imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, que “mergulhou toda Cuba em uma orgia de prosperidade e especulação” (Wallich 1979, 53). À medida que a demanda por açúcar aumentou e os controles de preços (anteriormente definidos pelo American Sugar Equalization Board) foram abandonados, uma cascata de transformações socioecológicas se seguiu: novas usinas de açúcar foram construídas, a propriedade da terra foi concentrada, a modernização das áreas urbanas acelerada, e “Os industriais cubanos e plantadores de cana construíram casas suntuosas e conceberam outras formas mais engenhosas de gastos com luxo” (Wallich 1979, 53).

As consequências dessas novas rodadas de criação de vida e meio ambiente na fronteira açucarei-

ra de Cuba estão na obra de muitos escritores contemporâneos da ilha. Pense, por exemplo, no poema épico *La zafra* (1926) de Agustín Acosta, ou na denúncia de Felipe Pichardo Moya sobre a indústria açucareira em “El poema de los cañaverales” (1926), ou na poesia de Nicolás Guillén. Ou pense em Alejo Carpentier’s *!Écue-Yamba-Ó!* (1933). Redigido pela primeira vez em 1927, o romance de Carpentier se passa parcialmente em uma cidade rural onde “a vida é organizada de acordo com a vontade [do açúcar]” (Carpentier 2002, 18). A narrativa contém descrições impressionantes da colheita da cana, destacando as transformações na terra e no trabalho ocasionadas pela invasão das centrais dos EUA. A representação de Carpentier do domínio do King Sugar na vida diária é complementada formalmente pela “instabilidade estilística” do romance: *!Écue-Yamba-Ó!* “Justapõe títulos de capítulos telegráficos e imagens, focalizadores variáveis, uso do vernáculo nas falas de personagens, música e rituais afro-cubanos e descrições tipo colagem com um ar naturalista residual” (Unruh 2012, 352). Essa volatilidade e desigualdade formal falam da volatilidade da fronteira açucareira e da experiência de desigualdade gerada por sua rápida desagregação e reconfiguração das relações existentes entre a natureza humana e a extra-humana. Roberto González Echevarría destaca que a “ação do romance é interrompida por cenas descritivas escritas em

ritmo staccato, sem preposições ou transições, replicando a batida das máquinas do moinho ou a música de um ritual” (2012, 91). Isso não apenas enfatiza a maneira como os ritmos da indústria açucareira permeiam a vida cotidiana, mas em termos de seu efeito geral - a interrupção do fluxo narrativo por passagens descritivas elaboradas sobre um presente cênico - não pode deixar de sugerir, neste contexto particular, o momento parabólico da fronteira das commodities, sua dinâmica de expansão e contração.

Os romances de Effe Géache e Carpentier obviamente representam respostas muito diferentes às condições de expansão: no primeiro, eles se registram apenas no inconsciente ecológico do texto, enquanto o último é um envolvimento criticamente consciente com a fronteira do açúcar. Quero agora voltar a um tipo diferente de texto, um que não exhibe o mesmo nível de volubilidade formal ou estilística de *Une nuit* ou *!Écue-Yamba-Ó!* (talvez em parte porque é um relato retrospectivo da mudança ecológica e não uma resposta direta a um boom), mas no qual a internalização narrativa dos ritmos da fronteira açucareira ainda está muito em evidência. *The Last English Plantation* (1988) da autora guianense Janice Shinebourne é um *Bildungsroman* em que o amadurecimento de sua protagonista, June Lehall, ocorre em meio à convulsão social e política em torno da moderniza-

ção da indústria açucareira da Guiana no pós-guerra. O romance tem um tom amplamente realista.

No entanto, a narrativa aponta para um sentido subjacente de irrealidade na experiência de June no mundo social. A certa altura, por exemplo, ela percebe “um grande navio estrangeiro” no rio, transportando bauxita (89). Sintomático da posição da Guiana como fonte de recursos para potências estrangeiras, o navio faz June pensar sobre a natureza “absurda e inútil” (89) de uma existência dominada por forças externas. Isso, por sua vez, a leva a especular se “a Guiana [era] realmente apenas um grande campo de prisioneiros administrado pelos britânicos? Se fosse, toda a liberdade da terra que seus olhos viam era apenas uma ilusão, um sonho”(90). Embora a causa imediata das reflexões de June seja o navio de bauxita, a invocação aqui de uma realidade ilusória e irreal é - no contexto da descrição do romance do domínio da indústria açucareira sobre a vida cotidiana - clara e, da mesma maneira, quanto à qualidade “enfeitada” de uma sociedade há muito subordinada aos caprichos do King Sugar.

O senso de irrealidade que a narrativa de Shinebourne introduz no nível do conteúdo é complementado de uma forma mais sutil por distorções na forma *Bildungsroman* que ela implanta. O *Bildungsroman*, é claro, é o romance de formação e socialização - de

desenvolvimento. Mas aqui ela encontra dificuldades, na medida em que o mundo em que June deve ser socializada por meio da educação é estruturado por normas coloniais que estão em desacordo com sua experiência diária e promovem um ideal de desenvolvimento que será negado na prática por causa de seu status colonial. Isso produz uma disjunção não apenas entre forma e conteúdo, mas também entre dois ritmos formais diferentes. Há o impulso para a frente, a dinâmica de desenvolvimento linear do *Bildungsroman*, mediada pelo modelo de progresso educacional imposto em June por sua escolaridade. Mas isso esbarra em um ritmo parabólico, ou movimento de vaivém, que corresponde à sua experiência vivida da realidade social. Esses ritmos contrastantes são figurados em uma passagem perto do final do romance, na qual June reflete sobre sua jornada diária para a escola em New Amsterdam:

Ela estava se acostumando ao ritual de pedalar para longe de Canefields todas as manhãs, acostumada a viajar para New Amsterdam e voltar para New Dam todas as tardes.

Quando ela pedalava indo e vindo entre as aldeias, ela fazia parte do movimento entre o campo e a cidade. Era um movimento contínuo de pessoas que não lhe permitia sentir-se só, um movimento que a viagem foi testemunhando dia após dia. Se no final

ela não precisasse se lembrar das lições que aprendeu em sala de aula, ela certamente se lembraria desse movimento de pessoas de que fizera parte. O hábito da memória em suas viagens diárias tornou-se sua própria disciplina, separada de seus pais, da escola e da política do país. (180)

A passagem funciona não apenas como um resumo do padrão que a vida de June assumiu, mas também como um comentário autorreflexivo sobre a dinâmica formal por meio da qual a narrativa se desenvolveu. A referência à educação de June ressalta o curto-circuito do modelo *Bildungsroman* que o texto implanta. Pois o futuro para o qual está orientado seu desenvolvimento acadêmico já está marcado como potencialmente inalcançável: talvez ela não tenha que lembrar o que aprende em sala de aula já que esta realidade - de se tornar “uma médica, ou uma advogada, ou uma professora” - não será a sua realidade se permanecer em New Dam, local em que “só é possível ser pobre” (32). A descrição do seu percurso cotidiano, por sua vez, põe em primeiro plano o ritmo alternativo de vaivém em torno do qual se estruturou o texto, evidente não apenas na forma como a ação narrativa tende a se organizar em torno de movimentos de vaivém entre diferentes espaços (campo e cidade; escola e casa; os bairros dos trabalhadores das plantações e os bairros europeus), mas

também na forma como o enredo se desenvolve por de uma tensão constante entre momentos de crise ou mudança rápida e períodos de quietude ou repetição - entre ações destinadas a facilitar “progresso” e vontade de comemorar os ritmos do quotidiano (exemplificado pelo “hábito de memória” de June). Essa tensão é bem capturada em uma cena em que June faz uma pausa enquanto anda de bicicleta e relembra a demolição de seu antigo vilarejo de Old Dam, demolido como parte da modernização do sistema de plantação. Neste momento de quietude, ela relembra o caráter comunal e multirracial da antiga vila, ausente em New Dam.

O ritmo oscilante de *The Last English Plantation* pode ser lido como uma codificação da dinâmica de expansão e contração da economia açucareira. Além disso, na forma como esse ritmo formal se manifesta por meio das experiências vividas por June, o romance evoca para nós algo da estrutura de sentimento engendrada pela ecologia política da fronteira açucareira e sua padronização das relações humanas e extra-humanas. Simultaneamente, no entanto, ao articular essa estrutura de sentimento, a narrativa abre um espaço potencial para criticar o domínio da supremacia do açúcar sobre a vida social. Crucial a este respeito é o choque entre o impulso de desenvolvimento do *Bildungsroman* - um modelo abstrato divorciado das

realidades da situação de June - e o ritmo parabólico correspondente às suas experiências cotidianas. Podemos entender esse choque como mediador da contradição entre a reprodução do capital e a reprodução da vida cotidiana; ou mais especificamente, entre o momentum temporal abstrato da acumulação capitalista, impulsionado cada vez mais pela necessidade de realizar mais-valia na reprodução expandida, e as temporalidades qualitativamente distintas das redes da vida que sustentam a acumulação.

O romance, na verdade, é altamente consciente do tempo - mais uma prova, talvez, da saturação de sua estética pela fronteira do açúcar. Pois, como observou Sydney Mintz, como a ecologia da cana-de-açúcar exige que o corte, a moagem e a fervura ocorram em 48 horas, o processo de trabalho da produção de açúcar exibia um alto grau de “consciência do tempo”, que “permeava todos as fases da vida da plantação” (1985, 51). Na narrativa de Shinebourne, referências frequentes são feitas à hora do dia, à duração das viagens, programações diárias e assim por diante. Quando June começa o ensino médio, a mudança é enfatizada pela novo horário que seu trajeto ocupará:

Ela sempre ficava meio acordada às três horas quando as mulheres se levantavam e começavam a cozinhar e limpar. [...] Quando os caminhões chegavam e levavam os traba-

lhadores embora, ela caía em um sono profundo por duas horas antes de acordar para a escola às sete horas, quando então o segundo êxodo das aldeias começaria. [...] Às oito horas as crianças iam para a escola, como ela costumava fazer. Agora, ela faria parte do segundo êxodo. (49-50)

Essa ênfase no tempo do relógio - o corolário da necessidade do capital de estabelecer o tempo como extensão quantitativa, como uma sequência regular de unidades homogêneas e discretas para medir o valor - esbarra nos movimentos contínuos e qualitativamente diferenciados associados aos rituais do cotidiano de June. Essas rotinas diárias têm uma lógica temporal ligada aos ritmos do corpo, da paisagem e das estações - às condições humanas e extra-humanas de reprodução. Estes últimos, é claro, estão cada vez mais sujeitos aos ditames do tempo de trabalho abstrato. Mas, ao dramatizar a tensão entre esses tempos, ao mesmo tempo que os articula como uma unidade diferenciada, o romance enfatiza que os ritmos temporais da vida cotidiana não podem ser reduzidos, nem simplesmente separados dos ritmos temporais da acumulação capitalista, que devem ser unidos aquelas condições humanas e extra-humanas como a base de sua própria reprodução.

O romance recria, de forma reveladora, essa contradição temporal em um nível mais explicitamente político, documentando a agitação trabalhista causada pela revolução ecológica por meio da qual a modernização do setor de plantation ocorreu no pós-guerra. Buscando a simplificação radical das unidades socioecológicas, a indústria açucareira racionalizou as rotinas de trabalho, mais notoriamente ao implementar o método de corte e carregamento de colheita da cana-de-açúcar no lugar do corte e descarte em 1948 (Thomas 1984, 113). Na narrativa de Shinebourne (assim como na vida real), essa tentativa de extrair maiores excedentes ecológicos dos corpos dos trabalhadores encontra resistência vocal:

‘Now is the right time to fight. They introducin’ cut-and-load, doing away with cut-and-drop. Now them boys going get they break rass. You know how them canebatch heavy? Now they gat to hoist them ‘pon they back an’ carry them sometimes so much hundred yards to punt! Overseer don’t want pay people to carry the cane no more so cane-cutter got to carry it now! You in’ see overseer t’ink we not better than brute animal?’ (11)

Ao imaginar o entrelaçamento necessário e a contradição entre a lógica da mercantilização sem fim e a reprodução da vida cotidiana, o romance realiza

uma reversão dialética sutil da forma capitalista *Erscheinung*. A forma de aparecimento do tempo (e do espaço) como abstrata e homogênea, como extensão meramente quantitativa “desprovida de toda inter-troca do homem com a natureza” (Sohn-Rethel 1978, 29), revela-se ter como condição de possibilidade o propriedades qualitativamente distintas de grupos entrelaçados de relações humanas e extra-humanas. Isso, por sua vez, abre uma perspectiva além da lógica do capital e do tempo de trabalho abstrato. Ao manifestar as características sensoriais desses grupos de naturezas humana e extra-humana, de outra forma suprimidas na relação de valor, o texto aponta para a possibilidade de tecê-los de maneira atenta às condições de sua reprodução - de tecê-los juntos, em outras palavras, dentro de um campo gravitacional diferente da acumulação sem fim.

Fronteiras adicionais: as contradições da petroficção e outras

Podemos buscar outros exemplos do tipo de ritmos narrativos parabólicos identificados nos romances acima em outras ficções caribenhas: pensamos, por exemplo, nas narrativas circulares ou em espiral de escritores como Édouard Glissant, Erna Brodber, Raphaël Confiant, Paule Marshall e Earl Lovelace. É claro que muitos fatores além da lógica temporal da

fronteira açucareira podem ser aduzidos para explicar esses ritmos formais, incluindo a especificidade meteorológica da região (a oscilação entre as estações seca e chuvosa; a experiência de violentas tempestades tropicais); o “sentido torturado” do tempo engendrado pelo colonialismo (Glissant 1989, 144); e a influência da tradição oral na qual “as histórias se desdobram cumulativa ou ciclicamente [e] são relativamente despreocupadas com qualquer estrutura puramente narrativa ou desenvolvimento linear e horizontal” (Glover 2010, viii). Enfatizar o papel da “cultura açucareira” caribenha é não subestimar essas outras determinações, que em todo caso não podem ser pensadas isoladamente - todas estão relacionadas por meio da matriz ecológica na qual as naturezas humana e extra-humana foram tecidas em torno do campo gravitacional de acumulação de capital (alimentada pelo açúcar). Em vez disso, dado o grau em que a supremacia açucareira sujeitou tantas sociedades caribenhas à sua refração, o ponto é sublinhar a provável permeação da forma literária pela lógica de expansão-queda da fronteira açucareira.

Essa análise poderia ser estendida além do Caribe - para as fronteiras açucareiras do nordeste do Brasil, digamos, e os romances de José Lins do Rego, ou para a ilha filipina de Negros e obras como *Feast and Famine* (2003) de Rosário Cruz Lucero e *The Sky*

Over Dimas (2004) Vicente Groyon. No entanto, quero concluir lançando a rede comparativa mais longe, explorando respostas literárias a sociedades dominadas não pelo açúcar, mas pela extração de petróleo. Embora marcada por idiossincrasias estilísticas derivadas da ecologia política específica do petróleo, a ficção dos petro-estados nas periferias frequentemente exhibe certas semelhanças formais do improvável com a ficção açucareira, testemunhando a base da universalidade conferida à literatura-mundial pelo movimento mundo-ecológico da fronteira mercantil. *Take Cities of Salt* (1984), do escritor saudita-iraquiano 'Abd al-Rahman Munif. Este romance, o primeiro de um quinteto, retrata as transformações socioecológicas desencadeadas pela descoberta de petróleo no deserto saudita na década de 1930 por uma equipe de pesquisa americana. Como observa Sabry Hafez, o romance de Munif

pode ser - e muitas vezes é - lido como uma enorme tela das brutalidades da modernização e sua devastação dos modos de vida habituais. O romance busca capturar a natureza e o ritmo de um mundo pastoral que agora foi amplamente varrido, para registrar suas práticas e relações, seu folclore popular e crenças morais, suas formas de memória e de solidariedade, e para mostrar o que acontece com elas uma vez que o petróleo é extraído

da areia: o enorme salto da vida tradicional do deserto, com seu ethos beduíno e senso cósmico de tempo, para os frenesi do consumismo e conflitos de classe e riqueza em cidades ultramodernas. (2006, 54)

Ao narrar essa revolução ecológica, o texto fornece mais uma confirmação da tendência de tais transformações da natureza humana e extra-humana figurarem em um registro literário irrealista. As atividades dos americanos enquanto se preparam para perfurar o oásis de Wadi al-Uyoun assumem uma qualidade demoníaca de outro mundo da perspectiva da comunidade beduína do wadi: “Com a primeira luz do amanhecer, enormes máquinas de ferro começaram a se mover. Seu barulho ensurdecedor encheu todo o wadi. Tão gigantescas e estranhas eram essas máquinas de ferro que ninguém jamais imaginou que tais coisas existissem; as luzes que brilhavam delas eram como estrelas cadentes” (98). A subsequente desagregação das estruturas existentes e estabilizadas das relações ecológicas é apresentada como provocando nos beduínos uma sensação de irrealidade: “Nada parecia mais real” (108); “Todos eles olharam para a cena estranha diante deles como se fosse um sonho ou uma alucinação” (110).

Uma série de críticos comentou sobre o que Peter Hitchcock chama de “superfícies caóticas” do roman-

ce de Munif, incluindo mudanças no tempo, repetições e longas digressões (2010, 84-85). Hafez observa como, normalmente, na escrita de Munif “frases geralmente curtas e vívidas, às vezes chegando perto de aforismos, alternam com diálogos concisos em ações que se desdobram em uma espécie de narração épica” (2006, 55). O ritmo narrativo criado por esse movimento estilístico alternado, em combinação com a qualidade não linear e digressiva do texto, pode ser lido como indicativo da volatilidade da fronteira petrolífera. Um fator chave nessa volatilidade, claro, é a tensão entre os imperativos temporais de acumulação e as condições de reprodução das naturezas humana e extra-humana. Essa tensão é marcada explicitamente no romance por meio da descrição da degradação ecológica provocada pelas demandas da petroeconomia em expansão. Mas também aparece de maneiras menos óbvias, permeando a própria medula do texto.

Atribua à dificuldade de representação as várias referências feitas durante e imediatamente após a destruição do wadi - por exemplo: “Ninguém poderia descrever o momento em que as máquinas se moveram para o wadi ou saber os sentimentos que se apoderaram do povo [...]. Ninguém poderia descrever ou imaginar”(98); ou: “Seria impossível descrever essa viagem ou aqueles dias em todos os seus detalhes”

(125). Estes pareceriam inscrever uma contradição no texto entre seu aparato descritivo (que registra aqueles eventos que diz não serem imagináveis) e as experiências que procura apresentar: o que o romance descreve não pode ser o que é vivido pela comunidade, uma vez que isto é aparentemente indisponível para mediação literária. Portanto, há uma ausência no centro da narrativa. Esse movimento entre as superfícies retóricas do texto e o relato ausente pelo qual eles representam pode ser visto como codificando a lógica da fronteira do petróleo - sua combinação de supérfluo e escassez, dos significantes de riqueza ao lado da ausência de desenvolvimento econômico real.

O argumento pode ser levado um passo adiante, entretanto. Hitchcock sugere que “a novelização de Munif efetivamente escreve os gêneros discursivos da socialização beduína a fim de revelar como o petróleo tenta sufocar formas criativas e incorporadas de comunidade” (2010: 84). Esse parece ser o caso aqui, a narrativa se impondo sobre o relato oral que a comunidade beduína pode ter fornecido, mas que, no fim, não pode. Nessa leitura, torna-se possível apreender a contradição entre representação e acontecimento como figura da contradição entre a lógica da acumulação sem fim e a reprodução do cotidiano. Se o discurso romanescos aqui funciona como óleo, escrevendo-se em toda a realidade social, então po-

demos ver esse discurso como o correlativo dos ritmos de acumulação (uma sugestão que recebe peso adicional pela associação fundamental da forma nova com a ascensão da modernidade capitalista). Os gêneros de fala beduínos que ele sufoca, por sua vez, estão intimamente ligados à reprodução da comunidade, como fica claro pela forma como esses gêneros funcionam no texto antes da invasão do wadi. Quando, por exemplo, é feito um esforço para estabelecer o ano em que um personagem nasce, vários membros da comunidade recitam contos sobre eventos passados, usando-os como referência para o nascimento: “[Mugbel] pode ter nascido no ano dos gafanhotos ou no ano das inundações, ou antes ou depois, mas ele certamente nasceu antes daquele ano terrível da tempestade, porque foi aí que o wadi, a estrada das caravanas e as pessoas foram todas reduzidas a um estado de absoluta pobreza e devastação” (21). Os contos como repositório da memória histórica estão, portanto, totalmente entrelaçados com os ritmos de reprodução das naturezas humana e extra-humana. O fato de tais gêneros discursivos serem escritos pelo tratamento romanesco de eventos sugere as pressões destrutivas exercidas nas redes da vida pela lógica da acumulação sem fim, mesmo que esta última dependa dessa rede para se sustentar (assim como a narrativa depende das experiências da comunidade as quais só pode representar como uma ausência).

Tipos semelhantes de ritmos narrativos e combinações formais voláteis aos encontrados nos romances de Munif são evidentes em petroficções de todo o mundo. Pense no trabalho de Ben Okri, por exemplo, cujo “realismo petromágico” capta habilmente os “aspectos fantasmagóricos da extração de petróleo” na Nigéria (Wenzel 2006, 457). Ou considere a representação da fronteira do petróleo em romances como *The Hydra Head* (1978), de Carlos Fuentes, *The Dark Bride* (1999) de Laura Restrepo, e *Love in the Kingdom of Oil* (1993) de Nawal El-Saadawi, ambientados, respectivamente, no México, Colômbia e um estado do Golfo sem nome. Como já foi sugerido, esse tipo de comparativismo literário pode ser estendido ao trabalho que registra a dinâmica de várias outras fronteiras de commodities. A fronteira da borracha na América do Sul, por exemplo, engendrou textos que, embora diferenciados pelas especificidades irredutíveis das instâncias sociais e ecologias políticas das quais brotam, compartilham, no entanto, certos maneirismos estilísticos com seus congêneres flexionados com óleo e sacarina. É possível pensar, por exemplo, nas descontinuidades genéricas e tonalidades irrealistas de textos como *The Vortex* (1924) de José Eustasio Rivera, *The Green House* (1966) de Mario Vargas Llosa e *The Emperor of the Amazon* (1976), de Márcio Souza. Tendências estéticas comparáveis são evidentes na trilogia de romances das Astúrias

explorando as plantações de banana da Guatemala e as depredações da United Fruit Company (*Strong Wind*, 1950; *The Green Pope*, 1954; *The Eyes of the Interred*, 1960), sugerindo que a fronteira da banana pode render um estudo mais aprofundado. O mesmo ocorreria com a mediação literária de várias fronteiras de mineração - digamos, no Peru (*Tungsten*, 1931, de César Vallejo), na África do Sul (*Mine Boy*, 1946, de Peter Abraham), ou nas periferias da Austrália (*Carpentaria*, 2006, de Alexis Wright).

Conclusão

O movimento logicamente recorrente das fronteiras de commodity nos permite prosseguir com a análise comparativa da produção literária de todo o sistema-mundo e da longa duração do capitalismo histórico. Este, no entanto, é apenas um exemplo de como a experiência das transformações periódicas na ecologia-mundial fornece uma base de universalidade para a literatura-mundial moderna. Esta última, deve ser compreendida como a literatura da ecologia-mundial capitalista; seu substrato é o sistema global criado através do entrelaçamento de grupos locais e regionais de relações socioecológicas em torno do campo gravitacional de acumulação sem fim.

Ao combinar a teoria de Moore do capitalismo como ecologia-mundial com entendimentos materialistas da literatura-mundial, como a literatura do sistema-mundial capitalista, temos a base para uma metodologia de comparativismo literário atenta à lógica desigual e combinada deste sistema. A ótica da fronteira de commodity nos permite especificar a dinâmica por meio da qual o capitalismo como um regime ecológico se expande e aprofunda seu domínio sobre o globo, bem como identificar semelhanças formais do improvável entre as diferentes maneiras específicas em que sua marcha foi mediada em textos. Este artigo representa uma tentativa de estabelecer algumas coordenadas iniciais para esta forma particular de estudo literário ecológico-mundial.

Referências

- ACHEBE, Chinua. *Things Fall Apart* in *The African Trilogy*. London: Picador, 1988 [1958].
- ACHEBE, Chinua. *Arrow of God* in *The African Trilogy*. London: Picador, 1988 [1964].
- ADAMSON, Alan H. *Sugar Without Slaves: The Political Economy of British Guiana, 1838-1904*. New Haven: Yale University Press, 1972.
- AGARD-JONES, Vanessa. "What the Sands Remember". *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 18 (2-3): 325-346, 2012.

- AMIN, Samir. *Capitalism in the Age of Globalization: The Management of Contemporary Society*. London: Zed Books, 1997.
- ANDERSON, Benedict. *The Spectre of Comparisons: Nationalism, Southeast Asia, and The World*. London: Verso, 1998.
- AYALA, César J. *American Sugar Kingdom*. Chapel Hill: U. of North Carolina Press, 1999.
- BROWN, Nicholas.. *Utopian Generations: The Political Horizon of Twentieth-Century Literature*. Princeton: Princeton University Press , 2005.
- CARPENTIER, Alejo. *!Écue-Yamba-Ó!* Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- CHEAH, Pheng. "Grounds of Comparison" in *Diacritics* 29 (4): 1-18, 1999.
- Confiant, Raphaël. "Preface" in *Une nuit d'orgie à Saint-Pierre Martinique*. By Effe Géache. Paris: Arléa. v-xvii, 1992.
- DECKARD, Sharae. "'Uncanny States': Global Eco-gothic and the World-Ecology. Rana Dasgupta's *Tokyo Cancelled*". SMITH, Andrew; HUGHES, William (Eds). *Ecogothic*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- ECHEVARRÍA, Roberto González. *Modern Latin American literature: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- GEACHE, Effe. *Une nuit d'orgie à Saint-Pierre Martinique*. Paris: Arléa, 1992.

- GLISSANT, Édouard. *Caribbean Discourse: Selected Essays*. Trans. J. Michael Dash. Charlottesville: University Press of Virginia, 1989.
- GLOVER, Kaiama L. *Haiti Unbound A Spiralist Challenge to the Postcolonial Canon*. Liverpool: Liverpool University Press, 2010.
- HAFEZ, Sabry. "An Arabian Master" in *New Left Review*. 37: 39-66, 2006.
- HARDY, Thomas. *Tess of the D'Urbervilles in Selected Novels of Thomas Hardy*. Glasgow: Harper Collins, 1994.
- HAROOTUNIAN, Harry. "Ghostly Comparisons: Anderson's Telescope," *Diacritics* 29: 4, 135-49, 1999.
- HAROOTUNIAN, Harry. "Some Thoughts on Comparability and the Space-Time Problem," *boundary 2* 32: 23-52, 2005.
- HITCHCOCK, Peter. "Oil in an American Imaginary" in *New Formations* 69: 81-97, 2010.
- JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*. London: Verso, 1991.
- JAMESON, Fredric. *A Singular Modernity: Essay on the Ontology of the Present*. London: Verso, 2002.
- JAMESON, Fredric. "A Note on Literary Realism in Conclusion". BEAUMONT, Matthew (Ed.) *Adventures in Realism*. Oxford: Blackwell: 261-71, 2007.
- LAZARUS, Neil. "Cosmopolitanism and the Specificity of the Local in World Literature". *The Journal of Commonwealth Literature* 46 (119): 119-37, 2011.

LÖWY, Michael. "The Current of Critical Irrealism". BEAUMONT, Matthew (Ed.) *Adventures in Realism*. Oxford: Blackwell: 193-206, 2007.

Machado, Iran F. and Silvia F. de M. Figueirôa. "500 Years of Mining in Brazil: A Brief Review". *Resources Policy* 27, 9-24, 2001.

MARX, Karl. *Grundrisse*. Trans. Martin Nicolaus. London: Penguin and New Left Review, 1973.

MARX, Karl. *Capital. Vol. 3*. Trans. David Fernbach. London: Penguin and New Left Review, 1981.

MARX, Karl. *Capital. Vol. 1*. Trans. Ben Fowkes. London: Penguin, 1990.

MARX, Karl. *The German Ideology*. New York: Prometheus Books, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *The Communist Manifesto*. Trans. Samuel Moore, 1967.

MINTZ, Sidney W. *Sweetness and Power: The Place of Sugar in Modern History*. New York: Penguin, 1985.

MOORE, Jason W. "Environmental Crises and the Metabolic Rift in World-Historical Perspective". *Organization and Environment* 13 (2): 123-57, 2000.

MOORE, Jason W. *Ecology and the Rise of Capitalism* (PhD Dissertation). University of California Berkeley, 2007. <http://www.jasonwmoore.com/Essays.html>

MOORE, Jason W. "Madeira, Sugar, & the Conquest of Nature in the 'First' Sixteenth Century, Part I: From 'Island of Timber' to Sugar Revolution, 1420-1506,

Review A Journal of the Fernand Braudel Center 32(4): 1-46, 2009.

MOORE, Jason W. "Amsterdam is Standing on Norway' Part I: The Alchemy of Capital, Empire and Nature in the Diaspora of Silver, 1545-1648". *Journal of Agrarian Change* 10 (1): 33-68, 2010a.

MOORE, Jason W. "Amsterdam is Standing on Norway' Part II: The Global North Atlantic in the Ecological Revolution of the Long Seventeenth Century". *Journal of Agrarian Change* 10 (2): 188-227, 2010b.

MOORE, Jason W. "The End of the Road? Agricultural Revolutions in the Capitalist World-Ecology, 1450-2010". *Journal of Agrarian Change* 10 (3): 389-413, 2010c.

MOORE, Jason W. "Madeira, Sugar, and the Conquest of Nature in the 'First' Sixteenth Century: From Local Crisis to Commodity Frontier, 1506-1530". *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center* 33(1): 1-24, 2010d.

MOORE, Jason W. "Transcending the Metabolic Rift: A Theory of Crises in the Capitalist World- Ecology". *Journal of Peasant Studies* 12 (1): 1-46, 2011a.

MOORE, Jason W. "Ecology, Capital, and the Nature of Our Times: Accumulation and Crisis in the Capitalist World-Ecology". *American Sociological Association* 17 (1): 108-47, 2011b.

MOORE, Jason W. "Cheap Food and Bad Money: Food, Frontiers, and Financialization in the Rise and Demi-

se of Neoliberalism.”. *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center* 33.2-3 (2012): 1-29, 2012

MOORE, Jason W. *Capitalism in the Web of Life*. London: Verso, 2015

Moretti, Franco. “Conjectures on World Literature”. *New Left Review* 1 (Jan–Feb): 54–68, 2000.

MUNIF, Abd al-Rahman. *Cities of Salt*. Trans. Peter Theroux. London: Cape, 1988.

NIBLETT, Michael. “World-Economy, World-Ecology, World Literature”. *Green Letters* 16: 15-30, 2012.

PYLE, Forest. “Demands of History: Narrative Crisis in *Jude the Obscure*”. *New Literary History* 26 (2): 359-378, 1995.

RICHARDSON, Bonham C. 1992. *The Caribbean in the Wider World, 1492-1992*. Cambridge: Cambridge University Press , 1992.

RIZAL, José. *Noli me tangere*. New York. Penguin, 2006.

Sandiford, Keith A. *The Cultural Politics of Sugar: Caribbean Slavery and Narratives of Colonialism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Misplaced Ideas: Essays on Brazilian Culture*. Trans. John Gledson. London: Verso, 1992.

SHINEBOURNE, Janice. *The Last English Plantation*. Leeds: Peepal Tree Press, 1988.

SOHN-RETHEL, Alfred. *Intellectual and Manual Labour: A Critique of Epistemology*. New Jersey: Humanities Press, 1978.

THOMAS, Clive Y. *Plantations, Peasants, and State: A Study of the Mode of Sugar Production in Guyana*. Los Angeles: Centre for Afro-American Studies, University of California, 1984.

TOMICH, Dale W. *Slavery in the Circuit of Sugar: Martinique and the World Economy 1830-1848*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1990.

TOPIK, Steven C. and Allen Wells. "Introduction".

TOPIK, Stephen C.; WELLS, Alan (Eds) *The Second Conquest of Latin America*. Austin: University of Texas Press, 1998.

UNRUH, Vicky. "Modernity's Labours in Latin America: The Cultural Work of Cuba's Avant-Gardes".

WOLLAEGER, Mark; EATOUGH, Matt (Eds). *The Oxford Handbook of Global Modernisms*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 341-366

WALLICH, Henry Christopher. *Monetary Problems of an Export Economy*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

WATTS, David. *The West Indies: Patterns of Development, Culture and Environmental Change since 1492*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

WENZEL, Jennifer. "Petro-magic-realism: Toward a Political Ecology of Nigerian Literature". *Postcolonial Studies* 9 (4): 449-464, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *The Country and the City*. London: The Hogarth Press, 1985.

WARWICK RESEARCH COLLECTIVE (WReC). *Combined and Uneven Development*. Liverpool: Liverpool University Press , 2015.

WYNTER, Sylvia. "Novel and History, Plot and Plantation". *Savacou* 5: 95-102, 1971.

YAEGER, Patricia. "Editor's Column". *PMLA*, 126 (2): 305-310, 2011.